

———. *Jesus, o Libertador: a história de Jesus de Nazaré*. Petrópolis: Vozes, 1990.

———. *A fé em Jesus: ensaio a partir das vítimas*. Petrópolis: Vozes, 2000.

———. La fe en el Dios crucificado. Reflexiones desde El Salvador. *Revista Latinoamericana de Teología*, San Salvador, n. 31, p. 47-75, ene. abr. 1994.

———. “Luz que penetra las almas”: espíritu de Dios y seguimiento lúcido de Jesús. *Sal Terrae*, San Salvador, n. 1008, p. 3-15, ene. 1998.

SUSIN, L. (Org.) *O mar se abriu: trinta anos de teologia na América Latina*. São Paulo: Loyola, 1999.

TURBESSI, G. Il significato neotestamentario di “sequela” e di “imitazione” di Cristo. In: *Benedictina*, n. 19, p. 196-225. 1972.

VALENTINI, F.; BRETON, M. *Enciclopedia cristologica*. Roma: Paoline, 1960.

VV.AA. Seguimi!. Parola, spirito e vita. *Quaderni di lettura biblica*, n. 2, 1980.

VV.AA. *El seguimiento de Cristo*. Madri: Pontificia Universidad de Comillas, 1997.

Irmã Ivanise Bombonato é Doutora em Teologia Dogmática e professora no Instituto Teológico São José de Pouso Alegre - MG.

## DECIDIDO A DEFENDER O OPRIMIDO (Ex 2,11-15c)

Dr. Matthias Grenzer

### 1. INTRODUÇÃO

A narração do *ferimento* (mortal) *de um egípcio* (Ex 2,11-15c), por parte de Moisés, é um texto que preocupa muitos leitores, principalmente em vista do uso de força física pelo protagonista da história. Pensando na necessidade de defender o mais fraco numa sociedade opressora e escravista, quais as perspectivas teológico-éticas desse texto bíblico?!. Para compreender melhor a cena de Ex 2,11-15c é bom lembrar, por um instante, o que foi contado antes.

O livro do Êxodo inicia com a *chegada da família de Jacó no Egito* e a história da prosperidade dela. Um pequeno grupo de *setenta pessoas* transforma-se num *povo numeroso* (Ex 1,1-7). Mais tarde, o destino desses imigrantes muda completamente. Em razão das *sábias medidas* do faraó, os hebreus são *oprimidos e obrigados a duros trabalhos*. Dentre estes, constroem as *cidades armazéns de Pitom e Ramsés* (Ex 1,8-14). Quem se solidariza, como leitor, com o mais fraco sente, a partir de agora, angústia frente ao destino dos hebreus.

Começa, então, um ciclo de narrações que destacam várias tentativas de resistência e oposição ao regime faraônico. A história das *parteiros hebréias, Sefra e Fuá* (Ex 1,15-22), e a narração da *princesa egípcia, da irmã e da mãe de Moisés* (Ex 2,1-10) realçam mulheres que agem com esperteza e coragem, opondo-se às ordens e ao poder mortal do faraó, defendendo a vida de crianças inocentes. O pequeno Moisés sobrevive graças à

<sup>1</sup> A respeito das perspectivas teológico-éticas do projeto do êxodo, confira meu artigo: GRENZER, Matthias. Sede em Massa e Meriba (Ex 17,1-7). *Revista de Cultura Teológica*, v. 33, p. 121-132, 2000.

opção dessas mulheres, pois “se enlaçam como elos de uma corrente em defesa do menino, formando um círculo impenetrável de ternura, no qual a força do faraó não pode entrar”<sup>2</sup>. O problema do sofrimento dos hebreus escravizados, porém, não é resolvido, nem pela resistência passiva das parteiras, nem pela astúcia da mãe e da irmã de Moisés, nem pela compaixão real da princesa egípcia.

Antes de iniciar, em Ex 2,23-25, a história da solidariedade ativa do Deus Iahweh para com os hebreus oprimidos, que trará a solução salvadora para esse grupo, o livro do Êxodo narra outras duas cenas: *o ferimento mortal de um egípcio* (Ex 2,11-15c) e *a defesa das filhas do sacerdote de Madiã* (Ex 2,15d-22). Nos dois casos, Moisés é o ator principal que usa sua força física para defender os mais fracos. As duas cenas são literariamente entrelaçadas. A mudança de lugar, porém, o movimento que acontece em v 15c.d, justifica a subdivisão: *Moisés foge diante do faraó e instala-se agora na terra de Madiã*.

A primeira cena pode ser vista como mais uma tentativa de resistência frente ao regime violento do faraó. Moisés protege uma vítima da agressão do opressor. A segunda cena em *Madiã* já acontece distante do lugar do conflito entre o faraó e os hebreus, ao menos geograficamente. A postura do líder, porém, não muda. Moisés continua sua carreira de defensor dos mais fracos. Desta vez, *defende as filhas do sacerdote de Madiã diante de pastores que queriam afastar as moças dos bebedouros para dar de beber, primeiramente, a seus animais* (Ex 2,16-17).

Qual modelo de comportamento favorece essa dupla narração? Apresento aqui apenas uma interpretação da primeira cena (Ex 2,11-15c) que, por sua vez, se destaca pelo fato de a ação de Moisés levar a consequências mais graves. Não se trata de um simples “chega pra lá”, como em Ex 2,15d-22.

Uma outra circunstância causa curiosidade pelo estudo deste trecho. As duas cenas nas quais Moisés usa sua força física em defesa dos mais fracos encontram-se, justamente, antes da vocação de Moisés, narrada logo em seguida (Ex 3,1-4,17). É nesse momento, portanto, que o livro do Êxodo apre-

senta ao leitor o *Moisés crescido* (Ex 2,11b) com suas características pessoais, afinal, o escolhido por Deus, o homem que, futuramente, deve tornar-se o líder no processo de libertação dos oprimidos.

## 2. TRADUÇÃO LITERAL DE Ex 2,11-15c

- 11a *E aconteceu naqueles dias:*  
 11b *quando Moisés estava crescido,*  
 11c *saiu a seus irmãos.*  
 11d *Viu os trabalhos forçados deles*  
 11e *e viu um homem egípcio batendo em um homem hebreu, do meio de seus irmãos.*  
 12a *Virou-se para cá e para lá*  
 12b *e viu que não (havia)<sup>3</sup> homem algum.*  
 12c *Bateu no egípcio*  
 12d *e o escondeu na areia.*  
 13a *Saiu no outro dia*  
 13b *e eis que dois homens hebreus (estavam) brigando.*  
 13c *Disse ao culpado:*  
 13d *“Por que bates em teu próximo?”*  
 14a *(Este)<sup>4</sup> disse:*  
 14b *“Quem te colocou como (homem)<sup>5</sup> chefe e juiz sobre nós?*  
 14c *Tu (estás) perguntando para matar-me como mataste o egípcio?”*  
 14d *Moisés teve medo*  
 14e *e disse:*  
 14f *“Certamente, o caso (é) conhecido”.*  
 15a *O faraó escutou sobre este caso*  
 15b *e procurou matar Moisés.*  
 15c *Moisés fugiu do faraó.*

<sup>3</sup> Em hebraico, a frase nominal dispensa o verbo auxiliar (cf. também os casos em v 13b.14c.f).

<sup>4</sup> O pronome demonstrativo está ausente no texto hebraico.

<sup>5</sup> No texto hebraico, o nome específico *capataz* é justaposto, como aposição, ao termo genérico *homem*. Cf. JOÛON, Paul. *A Grammar of Biblical Hebrew*. Translated and Revised by T. Muraoka. Roma: Pontificio Istituto Bíblico, 1991. (Subsidia biblica 14/II) § 131b.

<sup>2</sup> SCHÖKEL, Luis Alonso; GUTIÉRREZ, Guillermo. *A missão de Moisés: meditações bíblicas*. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 13.

### 3. SAIR PARA VER OS IRMÃOS SOFRIDOS (v 11)

A primeira parte do versículo (v 11a,b) marca o início de uma nova unidade literária. Percebe-se um avanço no tempo. O livro abandona o período da infância de Moisés (2,1-10), levando os ouvintes para uma época posterior: *naqueles dias, Moisés já estava crescendo*.

Em seguida, a cena a ser contada começa com um deslocamento do futuro líder: Moisés *saiu a seus irmãos* (v 11c). Trata-se da primeira atitude tomada por Moisés, agora adulto, na obra do Êxodo. Pelo que foi narrado anteriormente, o leitor identifica os *irmãos* de Moisés com os hebreus. Afinal, Moisés é, por parte de pai e mãe, um *levita* (Ex 2,1; 6,20). Usando o elemento estilístico da repetição, o texto insiste duplamente no motivo dos *irmãos*. Depois de ter introduzido os *irmãos* de Moisés em v 11c, o autor faz questão de repetir que o *homem hebreu* espancado pelo egípcio é *do meio dos irmãos* de Moisés (v 11e).

Por mais que a obra do Êxodo tenha apresentado a origem de Moisés entre os hebreus (2,1), nesse momento, os laços fraternais não nascem do sangue hebreu. São a postura e a atitude de Moisés que tornam os hebreus *seus irmãos*. De nada valeria o parentesco sanguíneo se Moisés não fosse capaz de *sair* do palácio faraônico, onde cresceu (2,10), para ir ao encontro de *seus irmãos* hebreus, oprimidos pelos egípcios. Seria bem mais fácil para Moisés contentar-se com o conforto e a proteção que a sorte lhe trouxe.

Que essa *saída* não foi uma ação isolada, a história o deixa claro quando Moisés, *no outro dia, sai* novamente (v 13a). O poeta, para realçar esse aspecto, repete o verbo *sair* na mesma forma. Depois de tudo que aconteceu no primeiro dia, a segunda *saída* parece tornar-se mais arriscada. Mais tarde, a narração trabalha, justamente, com essa perspectiva (v 14.15). Mesmo assim, Moisés *sai*, outra vez, para aproximar-se de *seus irmãos* sofridos<sup>6</sup>.

Ao *sair*, corresponde o *ver*. Novamente, o autor trabalha com o elemento estilístico da repetição. Moisés *vê os trabalhos forçados* dos hebreus (v 11d) e *vê* a violência usada pelo opressor (v 11e). Cria-se até uma pequena estrutura concêntrica: *seus irmãos* (v 11c) – *viu* (v 11d) – *viu* (v 11e) – *seus irmãos* (v 11e). O termo *seus irmãos* funciona como moldura para o duplo *ver* no centro. Assim, a própria forma do texto ensina que, para ser *irmão*, é central *ver* o sofrimento do outro. É isso tem de acontecer onde estão os oprimidos. Moisés *sai* do seu lugar para *ver* o sofrimento de perto<sup>7</sup>.

O *ver* de Moisés refere-se a duas realidades: aos *trabalhos forçados*<sup>8</sup> dos hebreus (v 11d) e à violência sofrida por eles. *Um egípcio está batendo em um hebreu* (v 11e). Desde o início do livro do Êxodo, o leitor está informado sobre a sorte dos hebreus. Os egípcios *impuseram a Israel chefes de corvéia para oprimi-lo com trabalhos forçados*. Assim (Israel) *construiu para o faraó as cidades armazéns de Pitom e de Ramsés* (Ex 1,11). Evidentemente, o opressor impõe os *trabalhos forçados* com violência. *Os egípcios obrigavam os filhos de Israel à servidão, com brutalidade. Amargavam-lhes suas vidas com dura servidão: com (a fabricação de) argila e tijolos e com todo tipo de serviço no campo* (Ex 1,13-14). Quando Moisés e Aarão exigem do faraó a possibilidade de os hebreus celebrarem uma festa a seu Deus, esse os acusa de *incitar* o povo à *revolta* e ordena que voltem imediatamente a seus *trabalhos forçados*, que não podem ser *interrompidos* (Ex 5,4.5). Os escribas dos hebreus *são golpeados* quando reclamam a respeito das exigências aumentadas (Ex 5,14)<sup>9</sup>.

Essa perspectiva é importante para a interpretação da reação de Moisés (v 12). Os hebreus são *brutalmente oprimidos*. A violência dos egípcios é uma realidade. Moisés *vê o egípcio batendo em um hebreu* (v 11e). Como leitor, neste momento, espero uma reação de Moisés, uma vez que ele *saiu ao encontro de seus irmãos* sofridos.

<sup>7</sup> Em v 12b, o verbo *ver* aparece outra vez.

<sup>8</sup> O substantivo *trabalhos forçados* aparece somente no livro do Êxodo (1,11; 2,11; 5,4.5; 6,6.7). A raiz verbal traz a idéia de *transportar cargas*.

<sup>9</sup> O verbo, aqui traduzido por *serem golpeados*, é a forma passiva (Hofal) de *bater* (Hifil), usado em Ex 2,11e.12c.13d.

#### 4. O USO DE FORÇA CONTRA O AGRESSOR (v 12)

A história apresenta Moisés usando força física: *Virou-se para cá e para lá e viu que não havia ninguém. Bateu no egípcio e o escondeu na areia* (v 12). O sofrimento do irmão leva Moisés a *bater* no agressor. O que viu, pois, mexeu com as emoções de Moisés.

A reação de Moisés à ação do egípcio acontece no mesmo nível. O autor indica isso pela repetição do verbo *bater* (v 11e.12c). Moisés dá golpes em quem *golpeou*. A história narra o auge de um conflito, o qual, antes da reação de Moisés, já está marcado pelo uso da violência.

O momento dramático exige uma reação imediata. A situação não permite a busca de uma solução pacífica, mais demorada, como por exemplo: denunciar o egípcio ao palácio para impedir sua ação. Mais tarde, o leitor é justamente informado de que o palácio não está disposto a negociar. Pelo contrário: o comportamento do palácio é o mesmo do *egípcio* na cena de Ex 2,11-15c. Os *escribas hebreus* que querem negociar a possibilidade de os hebreus *celebrarem uma festa* a seu Deus (5,1) são *batidos* (5,14). O texto hebraico usa, novamente, uma forma do verbo *bater*. Não é somente o *egípcio* no campo de trabalho que *bate*. O palácio *bate* também. Portanto, em vista da decisão de Moisés em 2,12, a urgência da situação e as circunstâncias políticas permitem apenas duas alternativas: sair em defesa do hebreu agredido ou voltar ao palácio, entregando *seu irmão* a sua sorte. Moisés decide comprar a briga. Arrisca-se em favor do mais fraco. Sai em defesa do oprimido. Decide a favor do agredido. Não opta por uma vida com menos complicações. Defendendo *seu irmão*, Moisés coloca seu destino em segundo plano.

Também os detalhes narrados chamam atenção: antes de *bater no egípcio*, Moisés *vira-se para cá e para lá* (v 12a). Se o leitor entender a ação de Moisés como defesa necessária e oportuna, dificilmente o *virar-se para cá e para lá* pode significar *armar uma cilada*. Neste momento, é interessante lembrar o Código da Aliança, a legislação civil e penal mais antiga de Israel. Existe uma diferença entre o ferimento mortal voluntário e involuntário: *Quem bater em um homem e causar sua morte, certamente, será morto. Entretanto, se não lhe armou uma cilada, mas foi Deus quem permitiu que caísse em suas mãos, eu colocarei para ti um lugar, onde ele poderá refugiar-se* (Ex 21,12-13). Aplicando essa lei ao caso de Moisés, o acontecimento em 2,12 pode ser interpretado como ferimento mortal involuntário.

*Deus permitiu que o egípcio caísse nas suas mãos*. A morte do egípcio é a conseqüência da intenção louvável de Moisés de defender o agredido diante do agressor. O fato de Moisés ter conseguido *fugir* da fúria do faraó (v 15c) auxilia essa compreensão.

Continua, porém, a pergunta sobre o sentido do *virar-se para cá e para lá* (v 12a). Talvez seja uma referência realista às circunstâncias concretas da situação imaginada. Dificilmente, Moisés poderia defender o hebreu se houvesse outros egípcios por perto. Nesse sentido, o uso de força física por parte de Moisés acontece de um modo refletido, não ingenuamente.

Mais provável, porém, me parece o aspecto que se revela a partir de v 12d: *e o escondeu na areia*. Moisés tenta ocultar sua ação. O *virar-se para cá e para lá* (v 12a) nasce da mesma intuição. Moisés sabe das complicações que resultam do uso de força física, especialmente, quando a ação se dirige contra o opressor. De fato, o faraó inicia, imediatamente, a perseguição de Moisés (cf. v 15a-c).

Dessa forma, a própria narração de Ex 2,11-15c deixa transparecer uma posição crítica e questionadora quanto ao uso de força / violência. Antes de tudo, a história deixa claro que é muito difícil, ou até impossível, esconder os fatos. Moisés enganou-se quando *viu que não havia ninguém por perto* (v 12b). Em seguida, a narração mostra que a ação de Moisés complica sua relação para com os hebreus (cf. v 14b.c). Também os motivos de Moisés *ter medo* (v 14d) e ser *perseguido* (v 15b) contemplam o fato de que o uso de força física não traz uma solução abrangente e definitiva. A *fuga* do líder, certamente, não favorece a realização do projeto do êxodo (v 15c). A situação tornou-se mais difícil do que antes.

Isso, porém, não significa que o livro do Êxodo condenasse a ação de Moisés<sup>10</sup>. No auge de um conflito não há decisões fáceis. A cena seguinte (Ex 2,15d-22) insiste exatamente no mesmo motivo. Dessa vez, Moisés *levanta-se e salva* (!) as *filhas do sacerdote de Madiã* da mão de *pastores* agressivos (2,17). Pela segunda vez, Moisés decide pela defesa: *livra* (2,19) as mais

<sup>10</sup> Cf. DAVIES, Gordon F. *Israel in Egypt*. A reading of Exodus 1-2. Sheffield: Academic Press, 1992. (Journal for the Study of the Old Testament Supplement Series 135) p. 129: "O livro do Êxodo não louva, mas também não condena a ação de Moisés".

fracas. À luz dessa cena paralela, o narrador dá a entender que a ação anterior, quando Moisés *bateu* no egípcio, deve ser vista no mesmo nível; defendeu o hebreu, *salvou-o e livrou-o* diante de seu agressor<sup>11</sup>.

## 5. A FALTA DE SOLIDARIEDADE ENTRE OS OPRIMIDOS (v 13)

*E saiu no outro dia* (v 13a). Moisés continua indo ao encontro dos oprimidos. O conflito não o faz desistir da causa de *seus irmãos* menos afortunados, mesmo que as coisas tenham se tornado mais complicadas, principalmente para ele mesmo.

A narração, nessa fase, chama atenção para uma segunda realidade importante: a violência no meio dos oprimidos. Estilisticamente, o poeta realça o assunto duas vezes: pela função indicativa da partícula *eis*, que cria ênfase, e pela colocação de uma frase nominal, numa narração que predominantemente trabalha com frases verbais - *Eis que dois homens hebreus (estavam) brigando* (v 13b)<sup>12</sup>.

É interessante observar que o autor usa o verbo *bater* pela terceira vez. A repetição deixa claro que, numa sociedade opressora e escravista, o uso de força física e de violência encontra-se em toda parte. O *egípcio está batendo* (v 11e), *Moisés bate* (v 12c), mas também *um hebreu bate no seu próximo* (v 13d). A violência é generalizada. Os verbos *brigar* (v 13b) e *matar* [v 14c(duas vezes).15b] sublinham essa impressão da realidade.

<sup>11</sup> Não vejo onde o texto bíblico “assinala um exagero da atitude de Moisés” ou apresenta uma “crítica à ação inapropriada de Moisés”: cf. SCHWANTES, Milton. “E ainda nos tirou água”. Êxodo 1-2 – Tradições libertadoras e cultura de resistência, em: Ronaldo Sathler-Rosa (org.). *Culturas e Cristianismo*. São Paulo: Loyola, 1999. (Ciências da Religião – 3) p. 23-24. Em At 7,25, a ação de Moisés é vista na perspectiva de salvação: Moisés  *julgava que seus irmãos compreenderiam que Deus queria salvá-los por meio dele*. “Tomás de Aquino defende a ação de Moisés com o argumento de não ser crime defender um inocente (Summa 2a 2ae, 60)”, lembrado por: CHILDS Brevard S. *The Book of Exodus. A Critical, Theological Commentary*. Philadelphia: Westminster Press, 1974. (The Old Testament Library) p. 41.

<sup>12</sup> A frase hebraica trabalha com o particípio ativo do verbo *brigar*, sem uso de um verbo auxiliar.

Onde, pois, está a diferença entre o comportamento do *egípcio*, de *Moisés* e do outro *hebreu*? Pelo que foi narrado anteriormente, o leitor qualifica a ação do egípcio como resultado da política opressora do faraó, quer dizer, como consequência das *sábias medidas* do palácio (Ex 1,10). Quem se sente solidário para com os hebreus oprimidos por nada consegue encontrar alguma justificativa para o comportamento do egípcio. A ação de Moisés, ao contrário, nasce de sua decisão de defender o mais fraco diante de seu agressor<sup>13</sup>.

Em vista do conflito entre os *dois hebreus*, Moisés dirige-se a um deles, que é apresentado pelo narrador como *culpado* (v 13c). “O uso desse termo técnico-jurídico para a parte ofensiva expressa sucintamente que o interesse de Moisés está na questão da justiça”<sup>14</sup>. Na verdade, os *dois hebreus estavam brigando* (v 13b)<sup>15</sup>. Qual seria, então, a *culpa* de um deles? A crítica principal na pergunta acusadora de Moisés (v 13d: *Por que bates em teu próximo?*) talvez encontre-se no último elemento. A *culpa* está na falta de solidariedade para com o *próximo*, o *companheiro* no sofrimento. Em vez de favorecer a união entre os oprimidos, algo muito necessário no processo de libertação, aquele hebreu imita o comportamento dos opressores: *bate* no mais fraco.

## 6. QUESTÕES DE LIDERANÇA (v 14a-c)

A pergunta crítica e acusadora de Moisés feita ao hebreu (v 13d: *Por que bates em teu próximo?*) é respondida por uma pergunta dupla: *Quem te colocou como chefe e juiz sobre nós? Tu perguntas para matar-me como mataste o egípcio?* (v 14b.c). O que a primeira vista parece ser uma rejeição de uma eventual liderança exercida por Moisés, em um segundo momento, revela-se como exame crítico e necessário em relação a qualquer tipo de autoridade.

<sup>13</sup> Veja a discussão no parágrafo anterior.

<sup>14</sup> Cf. Brevard S. Childs. *The Book of Exodus*. p. 30.

<sup>15</sup> O verbo *brigar* deixa associar que alguém é *ferido* (Ex 21,22), que um *bate* no outro (Dt 25,11; 2Sm 14,6), que se *blasfema* e *amaldiçoa* (Lv 24,11).

A primeira réplica refere-se às origens da atuação de Moisés. Defendendo os agredidos, Moisés assumiu, visivelmente, a liderança de *chefe* ou *juiz*. Fica, porém, uma dúvida: em nome de *quem* está agindo? *Quem* ou o que o motiva? No contexto literário não se encontra, até agora, nenhum ponto de referência neste sentido. Moisés parece agir por conta própria. Sobre as *parteiras hebréias* mencionou-se que *temeram a Deus* (Ex 1,17). De fato, é importante que haja clareza sobre as origens e razões da liderança de alguém. Disso, em geral, dependem também os propósitos do líder.

A segunda réplica do hebreu questiona, justamente, às intenções de Moisés: *Tu perguntas para matar-me como mataste o egípcio?* Chama atenção a mudança do verbo. O *bater* de Moisés (v 12c), defendendo um hebreu ante o agressor egípcio, é transformado num duplo (!) *matar* (v 14c). Isso suscita no leitor uma série de reflexões interessantes. De um lado, o texto bíblico alerta, indiretamente, sobre o fato de que o uso de força física sempre levanta questionamentos. Permite a má-compreensão e conseqüentemente, como no caso dessa cena, a acusação injusta. O hebreu “distorce a ação bem-intencionada de Moisés”<sup>16</sup>. Assim Moisés torna-se alvo de ataques. De outro lado, a pergunta dupla do hebreu ilustra uma segunda problemática. Existe a possibilidade de os oprimidos rejeitarem, justamente, aquela pessoa que se propõe a defendê-los. De um modo especial, isso parece ser válido para os oprimidos que não estão dispostos a serem solidários para com os *irmãos* sofridos e que, *batendo no próximo* (v 13d), tornam-se *culpados* (v 13c). Com sua postura crítica em relação à violência entre os oprimidos, Moisés questiona o hebreu não-solidário.

### 7. A EXPERIÊNCIA DA DERROTA (v 14d-15c)

O futuro líder Moisés experimenta uma derrota desastrosa. *O caso tornou-se conhecido* (v 14f). Moisés não conseguiu evitar que seu uso de força contra o egípcio se tornasse público. Dessa forma, a ação que nasceu

da intenção de defender o mais fraco diante do agressor transforma-se em motivo de *medo* (v 14d). Moisés faz a experiência típica de um líder autêntico: o defensor do oprimido acaba sendo perseguido.

O *medo* de Moisés refere-se primeiramente aos hebreus e não aos egípcios. O hebreu aumenta a gravidade da situação. Declara em público que o *bater* - o agir de Moisés em defesa de um terceiro (v 12c) - de fato, teria sido um *matar* (v 14c). Dele é que *Moisés tem medo* (v 14d). Talvez seja significativo que o outro *hebreu*, aquele que foi golpeado, não abre a boca. Não defende Moisés, talvez amedrontado pelo *próximo que bateu nele* (v 13d).

O fato de que o *faraó escuta sobre o caso* (v 15a) e *procura matar Moisés* (v 15b) apenas completa a derrota. O uso das palavras deixa bem claro de quem realmente parte um projeto de matança<sup>17</sup>. Não é Moisés quem tem a intenção de *matar* (v 14c), mas o *faraó* (v 15b).

*Moisés foge do faraó* (v 15c). A *fuga* não significa somente uma derrota para Moisés, o futuro líder, mas também para os hebreus. Eles perdem o homem decidido a defendê-los.

De outro lado, a *fuga* bem sucedida de Moisés, ironicamente, prefigura a futura derrota do faraó. A fragilidade de Moisés é transformada em força. No deserto, Deus escolhe, justamente, esse Moisés como seu instrumento para realizar o projeto de libertação dos oprimidos. Aquele que mostrou decisão e coragem em defender o fraco do agressor é mandado de volta ao faraó e aos hebreus. Deus lhe confere sua autoridade: *Vai, pois, eu te envio ao faraó para fazer sair do Egito o meu povo, os filhos de Israel* (Ex 3,10). Promete-lhe que os hebreus, dessa vez, *ouvirão a voz dele* (Ex 3,18), pois, Ele mesmo *estenderá sua mão e baterá no Egito com todas as maravilhas que haverá de fazer no meio dele* (Ex 3,20)<sup>18</sup>.

Matthias Grenzer é doutor em Teologia Bíblica e professor na Pontifícia Faculdade de Teologia do Centro Universitário Assunção e no Instituto de Filosofia e Teologia Paulo VI - Mogi das Cruzes.

<sup>17</sup> Compare a ordem do faraó às parteiras hebréias: *Se for um menino, deixai-o morrer!* (Ex 1,16).

<sup>18</sup> Dedico este estudo, com muita gratidão, a minha avó Hildegard Hartmann.